

Rádio: Mediação de Informações para a Mulher

Gisela Swetlana Ortriwano – ECA /USP*

Resumo:

O objetivo do projeto foi adequar a disponibilidade do meio radiofônico às necessidades de divulgação de informações sobre as questões das relações sociais de gênero. O rádio é, sem dúvidas, um dos meios de comunicação mais eficientes e baratos que existem. Desde 1977, a USP conta com uma emissora – Rádio USP – FM. E, há 15 anos, era fundado o Nemege – Núcleo de Estudos da Mulher e Relações Sociais de Gênero. Assim, a idéia era utilizar a disponibilidade do meio radiofônico às necessidades de divulgação de informações sobre as questões das relações sociais de gênero. Resultado: **Clipe Mulher**.

Palavras-chave: relações sociais de gênero; mulher; rádio.

O rádio é um dos meios de comunicação mais eficientes, baratos e de grande abrangência que existem. Desde 1977, a Universidade de São Paulo conta com uma emissora - **Rádio USP – FM – 93.7**. Há 15 anos, era fundado o **Nemege - Núcleo de Estudos da Mulher e Relações Sociais de Gênero**. Na outra ponta, um público a ser informado.

Resultado: surgiu o projeto **Rádio: Mediação de Informações para a Mulher**, com o objetivo de unir o rádio às necessidades de divulgação de informações sobre as questões das relações sociais de gênero, dando especial destaque à temática mulher. A seguir, um relato, bastante resumido, das principais etapas que culminaram na produção do **Clipe Mulher**, transmitido duas vezes ao dia pela Rádio USP.

Na prática, mais que teoria...

A idéia inicial foi da professora Dulcília H. S. Buitoni, umas das fundadoras do Nemege. Juntas, desenvolvemos o projeto buscando adequar a disponibilidade do meio radiofônico às necessidades de divulgação de resultados de importantes trabalhos conduzidos ou orientados por pesquisadores ligados ao Núcleo, além de avaliar criticamente as informações sobre a temática apresentadas nos *media* em geral.

Para completar o quadro, o rádio, excelente mediador, era também recurso que permitiria complementar a formação (com bolsa fornecida pela Universidade) de um estudante, em uma área específica - radiojornalismo -, disciplina de minha especialidade que ministrou no Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes.

Reunidos os elementos básicos, a experiência passou a ser colocada em prática. Foram diversas etapas complementares que envolviam decisões técnicas e editoriais. Mas, acima de tudo, a prática se encarregou de mostrar que havia princípios inerentes ao universo conceitual que mereciam atenção integral que ia muito além da teoria... O universo da informação especializada tem suas próprias exigências.

Pedras no caminho

O que poderia ser simples, fácil, foi expondo mistérios a serem desvendados, verdadeiras armadilhas para comunicadores incautos. A parte técnica, formal, foi a menos complicada. Era preciso encontrar a melhor solução com os recursos existentes. A definição do formato e a periodicidade dos boletins a serem apresentados, em consonância com as possibilidades oferecidas pela Rádio USP foi a primeira delas. A diretora da Rádio, Lígia Trigo, mostrou as opções viáveis e a escolha recaiu nos cliques, programetes curtos sobre determinados assuntos que vão ao ar duas vezes ao dia. A duração de cada edição, estabelecida pela emissora, varia de 2 (dois) minutos (só texto) a 3 (três) minutos (texto e sonora, ou seja, entrevistas, depoimentos etc.).

Trabalhar com a linguagem radiojornalística foi outra das etapas que exigiu treinamento. Era necessário o domínio completo do processo, desde a captação da informação, seu tratamento e apresentação, tarefa para a qual a bolsista Mariana Garcia R. S. da Silva estudante do Curso de Jornalismo, foi treinada tanto na teoria (bibliografia, discussão dos temas etc.) como na prática, realizando exercícios laboratoriais supervisionados. Esse treinamento envolveu a Rádio USP para que o processo de produção fosse real, na emissora que apresentaria os programas, com todo seu suporte técnico. Implicou, também, participação em cursos, palestras e debates que enfocassem assuntos inerentes ao universo de estudo. Muitas leituras, entrevistas.

A formação profissional como um todo foi uma das preocupações, envolvendo o domínio técnico, o conhecimento editorial e a questão da ética profissional que necessariamente deve nortear os procedimentos do jornalista. Este aspecto nos pareceu sempre essencial no que tange à coleta de informações, ao relacionamento com as fontes, ao rigor da apuração dos fatos, ao comportamento no exercício profissional.

Conteúdo editorial

Paralelamente, outra etapa importante transcorria: a de seleção e avaliação do conteúdo editorial. Esta, mostrou-se uma tarefa muito mais complicada. A participação do Nenge foi fundamental e decisiva. Havia um novo aprendizado a ser atingido: conhecer a problemática das relações sociais de gênero sob uma rigorosa ótica de trabalho acadêmico. Não se tratava apenas da definição dos assuntos a serem pautados, uma simples seleção de *notícias*. Acima de tudo, havia a consciência da necessidade de transmitir conceitos específicos, com a linguagem certa.

Esta foi uma das fases mais difíceis de serem vencidas: a definição precisa dos conteúdos editoriais dentro de uma filosofia de trabalho. Alguns, assuntos prazerosos, como a mulher conquistando vitórias. Outros, difíceis, como a violência contra a mulher. Todos tratados com a mesma seriedade e respeito. E, finalmente, somar o domínio técnico com domínio editorial. A colaboração sempre presente das pesquisadoras do Nenge foi fundamental, destacando-se as professoras Eva Blay (fundadora e coordenadora), Rosa Ester Rossini e Míriam Moreira Leite. De um lado, estava o domínio das técnicas de comunicação radiofônica; de outro, o conhecimento dos segredos inerentes ao conteúdo editorial.

Fundado em 1985, o Nenge visa a “aprofundar, através de pesquisas empíricas e estudos teóricos, as articulações entre gênero, etnia e classe social, especialmente no Brasil e na América Latina”. Estuda a “problemática da condição feminina, com ênfase na realidade brasileira”, além de “intervir nas políticas públicas propiciando assessoria aos poderes públicos para coibir a violência contra a mulher e implantar a igualdade de

oportunidades para a mulher”. Presta “colaboração didática e científica à coletividade em geral”, divulgado também “os resultados de trabalhos e pesquisas sobre a mulher”.

Nesta convivência, aprendemos a evitar os perigos da simplificação, do uso inconseqüente de fatos, palavras, sons. O exercício de encontrar a maneira mais adequada de respeitar formas e conteúdos foi uma constante. A seleção de informações, a escolha das palavras, das músicas, a produção de vinhetas etc., tudo exigiu tratamento minucioso para evitar a deturpação dos conteúdos.

No ar, Clipe Mulher!

O caminho percorrido nesse aprendizado resultou na estréia do **Clipe Mulher** no dia 21 de fevereiro de 2000. São duas edições diárias, às 06h20 e às 14h20, de segunda a sexta-feira. Aos sábados e domingos, edições às 09h20 e às 14h20. São clipes voltados para a oportunidade do fato, independente de sua máxima atualidade: assuntos de interesse dentro da temática relações sociais de gênero.

Trilhamos o percurso da especialização no tratamento de informações em áreas específicas do conhecimento. Foi um aprendizado conjunto que envolveu o domínio da terminologia específica de uma área do conhecimento, as possíveis implicações inerentes aos termos, expressões etc., a escolha criteriosa dos temas e fontes de informação. O respeito pelo assunto, pela mensagem, pelo destinatário.

Para completar, no dia 8 de março deste ano, quando se comemorou o Dia Internacional da Mulher, por minha sugestão, a Rádio USP apresentou uma programação especial: ao longo do dia, só as mulheres tiveram voz na emissora, tanto nos noticiários como na programação musical e nos especiais. O chamamento veio da Unesco, por meio de seu diretor geral, Koichiro Matsuura:

“A livre circulação de uma informação pluralista
e independente estará mais garantida se todos os jornalistas
de talento tiverem as mesmas possibilidades de dirigir uma
redação independente de seu sexo.”

* Gisela Swetlana Ortriwano é jornalista, doutora em Ciências da Comunicação e professora de radiojornalismo na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Coordena o NJMT – Núcleo de Jornalismo, Mercado e Tecnologia. Pesquisadora do Nemge. Autora de A informação no rádio (Summus). E-mail: <gsortriw@usp.br>